

O “espírito do comentário” – a idéia de educação e de cultura como demarcadores étnicos¹

Joana Bahia*

Resumo

Este trabalho investiga a memória dos ativistas de esquerda da comunidade judaica, sua participação na Associação Scholem Aleichem (ASA) e no Instituto Cultural Israelita Brasileiro² (ICIB), respectivamente localizados nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, e sua relação com os demais membros da comunidade no período de 1920 a 1960. Instituições de esquerda, fundadas por imigrantes judeus, fundamentais para instituir redes de sociabilidade judaica, tiveram forte papel político na sociedade nacional. Enfatizaremos a análise dos modos de construção da identidade judaica, reconstituindo a trajetória dos ativistas de esquerda entrevistados e seu cotidiano nas referidas associações, sobretudo no que tal trajetória oferece de material para a reflexão sobre as diferenciações internas na comunidade de origem e os modos de construção de sua identidade étnica nas idéias que possuem sobre “educação e cultura progressista” e sobretudo a importância da argumentação e do chamado “espírito do comentário”.

Palavras-chave: Identidade étnica. Comunidade judaica. Cultura e educação. Antropologia da Educação.

The “spirit of the commentary” – the idea of education and culture as ethnic limits

Abstract

This article analyzes the educational institutions created by the Jewish intellectuals of the Associação Scholem Aleichem (ASA) and Casa do Povo or Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB), both institutions located in the city of Rio de Janeiro and São Paulo, Brazil. These institutions were created by the generations of Jewish immigrants which came from Oriental Europe and identified themselves with the political and social fights of the national and international left's party.

* Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional/PPGAS/UFRJ. Pesquisadora associada ao Centro de Migrações Internacionais (CEMI), departamento de Antropologia da Universidade de Campinas (Unicamp) e ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (NIEM) IPPUR/UFRJ. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Joana Bahia

This work analyses the constructions of Jewish identity, reconstructing their life's stories and their daily routine in these associations, specially what they offer us to reflect about inner differences in the original community and how they elaborate their identity construction based in the ideas about education and "progressist culture" and the importance of argumentation and what we call the "commentary's spirit".

Keywords: Ethnic Identity. Jewish Community. Culture and Education. Anthropology of Education.

Introdução

A Associação Scholem Aleichem (ASA), instituição de cultura ídish¹ foi fundada em 1964 a partir da Biblioteca Scholem Aleichem (BIBSA), fundada em 1915 por imigrantes judeus originários da Europa Oriental, oriundos de uma imigração pós-*pogroms* ocorridos durante a guerra civil nas regiões do Império Czarista. Em 1956 a BIBSA foi deslocada da Praça Onze para a Cinelândia. Muitos vieram por motivação econômica, mas principalmente em decorrência das ditaduras na Polônia, Hungria e Romênia, a crescente ascensão do anti-semitismo e também em decorrência de suas militâncias nos partidos comunistas e no Bund.

Ativistas da esquerda europeia e nacional, fundamentais na consolidação de redes de solidariedade e sociabilidade judaica e com forte papel político na sociedade nacional, eram, em sua maioria, simpatizantes das causas sociais. Esses lutavam pela preservação de sua língua original (ídish) e sua cultura progressista, entretanto buscavam integração com o povo brasileiro na luta pela emancipação econômica, política e social.

Nos anos 1920, os judeus de esquerda, chamados de *roïters* (vermelhos) haviam criado várias instituições que possuíam orientações políticas semelhantes, dentre as quais destaco aquelas situadas no Estado do Rio de Janeiro como a Biblioteca David Frishman, em Niterói, o Colégio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem, a escola Israelita Brasileira Eliezer Steinberg, o Colégio Hebreu Brasileiro, a Cozinha Popular da Praça Onze - a *Árbeter Kich* (Cozinha do Trabalhador), o Socorro Vermelho Judaico (BRAZCOR), o Centro Obreiro Brasileiro Morris Wintschevsky e a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas Froien Farain.

Em São Paulo, na mesma década, imigrantes oriundos do Bund fundaram o clube Tsukunft (futuro) no bairro de Bom Retiro. Esse desenvolvia atividades culturais e políticas. Nos anos 1930, passou a se chamar Yugend Club (clube da juventude) e fundou uma biblioteca, um grupo de teatro chamado Dramkrais (grupo dramático) e o coro Schaeffer. Nos anos 1940, a entidade

passou a se chamar Centro Cultura e Progresso e constitui parte do Idisch Kultur Farband (ICUF). Em 1953, foi inaugurado o prédio Palácio da Cultura, também chamado de “casa do povo”, isto é, o Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB), fruto de uma homenagem aos seis milhões de judeus vítimas do Holocausto. A partir desse período o Colégio Scholem Aleichem (CSA), a Associação Federal Israelita Brasileira (AFIB), o clubinho I Peretz e a colônia de férias Kinderland passaram a funcionar nas instalações do ICIB. Em 1960, foi inaugurado o Teatro de Arte Israelita Brasileiro (TAIB). Havia organizações com o mesmo perfil sociopolítico em Buenos Aires (Argentina) e Montevideu (Uruguai).

Todas essas instituições possuíam periódicos, fundaram suas próprias escolas, clubes e promoviam atividades (*leienkrazniz*/círculos de leitura e *dramkrazniz*/círculos dramáticos/grupos teatrais) que visavam não apenas a integração às sociedades locais, mas ao aprimoramento cultural do ponto de vista do campo socialista.

Os vínculos existentes entre estas instituições e os partidos comunistas locais podem ser entendidos também em virtude da maioria dos membros da BIBSA, ICIB e seus congêneres no Uruguai e Argentina terem pertencido aos quadros do Partido. Esses espaços, na verdade, representavam muito mais do que simples instituições culturais e recreativas, mas principalmente espaços políticos que agregavam os judeus de esquerda, nos quais era possível debater temas ligados à sua militância.

Tanto os articulistas da ASA quanto os do ICIB possuíam uma vasta rede de contatos internacionais, especialmente com as instituições que ainda compõem o chamado ICUF. Em junho de 1935, em Paris, foi realizado o congresso dos escritores antifascistas, conclamando os intelectuais de todo o mundo à luta antifascista. A parcela judaica presente ao evento de Paris deu início à formação do ICUF ou associação cultural judaica. Esta seria responsável pela luta contra o anti-semitismo de acordo com as especificidades culturais de cada comunidade, buscando ampliar a cultura judaica laica progressista e visando a uma idéia de “justiça social e liberdade”. O ICUF possui até os dias de hoje atuação no Brasil (especialmente Rio de Janeiro e São Paulo), Uruguai e Argentina, sendo representado por instituições judaicas com um mesmo perfil de esquerda que a ASA. Em São Paulo o ICIB foi fundado em meados da década de 1940. Atualmente seus ativistas ocupam diferentes posições na hierarquia do campo intelectual (a exemplo temos a Universidade de São Paulo – USP, Universidade de Campinas – Unicamp, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Universidade Federal Fluminense – UFF, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/RJ, Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ) nas diversas áreas das ciências, bem como a diversidade do campo político nacional (PSDB, PPS, PCB, PT).

Nas décadas de 1930 e 40, a maior parte dos judeus se concentrava na área da Praça Onze, bairro da cidade do Rio de Janeiro, onde tinham seus

Joana Bahia

negócios e mantinham sua vida social, estabelecimentos comerciais e pequenas indústrias. Paulatinamente a presença judaica nessa área se diluiu e novos núcleos comunitários surgiram nos subúrbios como Madureira, Olaria, Leopoldina e mesmo na Baixada Fluminense (Nilópolis, São João de Meriti). Na década de 1950, existiam escolas judaicas em Olaria, Madureira e Méier e três escolas na Tijuca. Para muitos entrevistados, terminada a fase áurea da Praça Onze, com a ascensão social e o deslocamento para as áreas da zona sul da cidade, ocorreu a perda da importância das atividades comerciais e o fechamento de parte das escolas judaicas na zona norte.

Instituições de ensino dos “roiters” (vermelhos): Colégios Scholem Aleichem, as AFIB e a Kinderland

A constituição de segmentos e atividades (programação cultural e política) relacionadas ao funcionamento das escolas, clubes e colônias de férias pertencentes tanto à ASA quanto aos seus congêneres em São Paulo (Casa do Povo/ICIB), Buenos Aires (Asociación Cultural Israelita Argentina) e Montevideu (Asociación Cultural Israelita Jaime Zhitlovsky) são lembrados não apenas como memórias de sua história institucional, mas como modo de demarcação de suas especificidades identitárias, diferenciadas em relação aos demais segmentos da comunidade judaica.

Podemos observar como a história das suas escolas, colônias e grupos de atividades está relacionada ao modo como se diferenciavam internamente dos segmentos sionistas e dos socialistas existentes na mesma comunidade.

Não obstante não se identificarem com o rótulo de sionistas, viam no Estado de Israel um lugar para a cultura judaica e para a crença numa experiência de revolução universal/internacional, crença esta baseada nos seus ideais comunistas. Para estes segmentos, a fundação do Estado de Israel é um fato laico, sendo entendido como um encontro das várias e milenares diásporas da cultura judaica, um ponto de encontro em que poderiam desenvolver tudo aquilo que foi impossibilitado pelas perseguições sofridas.

Vemos, portanto, que não concordavam com os sionistas da própria comunidade que tinham uma orientação mais religiosa e mais restrita no que diz respeito à interação com outros segmentos não judaicos. Tampouco concordavam com as demandas dos movimentos juvenis Hashomer Hatzair e Dror, surgidos no Brasil na década de 1940, período de maior mobilização da comunidade em torno da criação do Estado de Israel.

Os ativistas da ASA e do ICIB também tinham como espelho para a construção de sua identidade os demais movimentos juvenis judaicos que competiam entre si na busca de novos adeptos. Suas diferenças ideológicas e políticas eram acentuadas publicamente, com discussões acaloradas. O Dror di-

vergia do Hashomer Hatzair - outro movimento juvenil, ligado ao partido israelense Mapam (Partido Obreiro Unido) - por este ser favorável a um Estado binacional árabe e judeu, socialista e politicamente ligado à União Soviética. O Dror era contrário a qualquer idéia de ligar-se ao bloco comunista, ou mesmo de tomar partido por qualquer dos blocos antagônicos (EUA e URSS) durante a Guerra Fria.

Não obstante, o Hashomer era mais próximo dos ativistas da ASA e do ICIB por causa dos ideais socialistas. Estes discordavam sobre os desdobramentos da política de Israel. Encontramos estas críticas especialmente nas matérias sobre os *kibutzins* produzidas pelo Jornal *Nossa Voz* e *O Reflexo*, expoentes da imprensa do ICUF. Os partidários do Hashomer concordavam que os ideais socialistas deveriam ser implantados em Israel; portanto, para seus ativistas era fundamental transmitir uma educação judaica e promover uma luta contra a assimilação nas diversas comunidades da diáspora. Elementos que distanciavam seus ativistas dos propósitos daqueles pertencentes ao ICUF (ASA, ICIB).

No depoimento de Max Altman (Boletim da Asa, ano XVI, número 96, 2005) temos um panorama da época:

O CSA, que funcionou nas dependências da Casa do Povo a partir de 1954, e o ICIB exerciam à época uma grande influência na comunidade, embora minoritária em relação às correntes sionistas majoritárias. Era uma época de aliá, e muitos jovens seguiam para Israel. À parte, a crise do relatório Krushev, a invasão da Hungria e mais tarde a da Tchecoslováquia, e o peso político da existência do Estado de Israel acabaram por enfraquecer o campo progressista.

A luta entre setores idishistas e socialistas nas instituições judaicas cariocas também encontrava resistência por parte das correntes hebraístas/sionistas. Lembramos que a formação de uma rede escolar judaica provocou um confronto entre sionistas/hebraístas e anti-sionistas/idishistas, o que torna evidente que diferenças políticas eram expressas através de diferenças lingüísticas e culturais. Essas se refletiam nos distintos sistemas de ensino e nas diferentes instituições formadas por cada segmento da comunidade. Conforme entrevista concedida por Max Altman, no caso de São Paulo afirma que:

[...] O outro campo [a direita judaica] já dispunha de escola fundamental, o Renascença, um clube (ou mais) de características mais sociais e recreativas, e provavelmente a Chevra Kadisha, que cuidava do setor judaico do Cemitério de Vila Mariana.

As críticas dos idishistas às posturas sionistas estavam relacionadas, em parte, à negação do judeu da diáspora e seu modo de vida. O ideal do

novo homem judeu, ligado ao trabalho no campo, ao vigor físico, à capacidade de autodefesa, habitante da terra de seus ancestrais bíblicos e falante da língua hebraica estava distante dos valores e da auto-imagem que os criadores da BIBSA, ASA, ICIB e dos CSA tinham de si.

Vejamos, então, de que modo esta diferenciação se refletiu na criação dos colégios Scholem Aleichem e da colônias de férias Kinderland, respectivamente nos Estados do Rio de Janeiro (1928) e de São Paulo (1945).

O Colégio foi fundado na cidade do Rio de Janeiro em 1928 por um grupo de ativistas da Biblioteca Scholem Aleichem (BIBSA) que visavam a um educandário que transmitisse, além das matérias obrigatórias do currículo oficial brasileiro, a perpetuação dos seguintes valores da cultura judaica: o idioma ídich, a história do povo judeu numa perspectiva histórica e não religiosa, o laicismo, o humanismo e o progressismo. A perspectiva era de construir cidadãos capazes de perceber o judaísmo como identidade cultural e de se sentirem ao mesmo tempo agentes integrantes da cultura local a fim de participarem das lutas e das conquistas sociopolíticas das sociedades em que estavam inseridos.

O mesmo ideário estava presente no CSA de São Paulo, criado em 1949, isto é, buscavam a disseminação dos “ideais antifascistas e progressistas no cenário social brasileiro, por meio de uma educação pluralista e inovadora”,³ perfil que manteve até encerrar suas atividades em 1981.

Neste sentido, tratar da importância de instituições que ressaltavam uma escrita e cultura ídich enfatiza o forte caráter político que esta possuía em seu contexto original e o modo como este é apropriado pelos imigrantes e seus descendentes no contexto brasileiro. Não obstante a importância do ídich para a cultura e vivência política judaica da Europa Oriental (ver nota 2), Sendacz (2005, p. 21) nos lembra que o ídich era uma língua desprezada pelo movimento sionista, acusando-a de ser a língua do exílio (*galut*) que simbolizava a imagem de um judeu “medroso e fraco”, ou seja, o ídich expressava a mentalidade da diáspora. O hebraico era considerada, pelas correntes mais sionistas, a língua do Estado judaico que não mais refletia o universo da diáspora vivido pela maioria das populações judaicas.

Mayer, em matéria do Boletim da ASA (ano VIII, número 75, 2002), mostra, ao se referir a David Margolis, autor de *Yiddish: a nation of words*, que o ídich se transformou numa “língua de cerco”, isto é

[...] numa língua em estado de coma, sustentada por engrenagens tão diversificadas com programas de universidades, o interesse renovado da música klézmer, uma onda de sentimento de identidade étnica e o isolamento dos judeus ortodoxos, para alguns dos quais o ídich é a primeira língua que aprendem com as suas mães.

O “espírito do comentário” – a idéia de educação e de cultura como demarcadores étnicos

No caso da comunidade judaica americana, esta se transformou em “língua de paródia” (Boletim, 2002):

[...] *A tragédia do sucesso dos judeus no Novo Mundo é que os judeus americanos foram dos mais rápidos de se despirem de sua língua nativa, privando seus filhos da oportunidade de aprendê-la. Hoje, na América, o ídish é uma língua de paródias, com o sotaque ídish marcando o momento das risadas.*

Retomando a trajetória do CSA, este foi fundado em 1928 por Eliezer Steinberg. Entre os anos de 1934 a 1951, após a saída de Steinberg, Pejsach Tabak assumiu a direção, realizando um trabalho de estruturação e desenvolvimento do Colégio.⁴ A construção do novo prédio foi concluída em 1968 para atender às demandas de alunos e às expectativas educacionais. Apesar das várias dificuldades de ordem material em seus primeiros anos, havia toda uma mobilização dos segmentos originários das correntes imigratórias da década de 1930 e 40, que geravam um aumento quantitativo de alunos.

Durante toda a sua trajetória até meados da década de 1990, o colégio exerceu vários tipos de atividades – inseridas em seus objetivos educacionais – que visavam à integração da comunidade com a sociedade local e com a sua identidade étnica judaica.

A figura de Pejsach na direção foi fundamental no sentido de conferir à história do CSA toda a experiência que obteve como educador no contexto polonês dos anos 1920 e 30. Pejsach Tabak viveu a efervescência social, política (era simpatizante do Bund) e cultural judaica presente na Vilna, chamada de “Jerusalém da Lituânia”: “Era o grande centro da cultura judaica, da cultura talmúdica, da cultura judaica religiosa, assim como da cultura moderna judaica.” Conforme relata Tabak (Boletim da ASA, ano II, número 8, outubro de 1990), a divisão entre idishistas e hebraístas estava presente no contexto europeu nas diferentes escolas existentes nos anos 20 e 30 na Polônia. Em 1923, estudou na escola Mefitzei Hascala, escola laica moderna de tendência liberal progressista, que mesmo dirigida pelo Centraler Bildungs Komiter tinha problemas políticos com o governo polonês, sendo mantida pela coletividade.

Podemos considerar que os principais ativistas e seus sucessores viam no colégio um veículo importante de transmissão entre as gerações dos valores imensuráveis da “cultura idishista”, bem como visavam a “libertação, a conscientização do indivíduo para as causas reais e sociais da injustiça”. Neste sentido, buscavam um caminho paradoxal entre assimilação à sociedade brasileira, sem, entretanto, “abrir mão” da preservação de uma cultura progressista originária da Europa Oriental. Segundo Tabak (Boletim da ASA, ano IV, número 23, 1993):

O caráter da escola é definido: moderna em sua metodologia educacional, laica e humanitária em seu espírito, procurando através das disciplinas judaicas, folclore, canto e festas judaicas tradicionais cultivar nos alunos amor ao nosso povo e sua cultura; ao mesmo tempo cultivando o amor ao Brasil, ao povo brasileiro e sua cultura, com interesse pelo seu progresso e bem-estar.

Não obstante haver registros de celebração do dia 29 de novembro (em que se votou na Organização das Nações Unidas (ONU) a criação do Estado, e o hino de Israel era cantado em várias programações), outros conteúdos associados à educação sionista como conhecimento da geografia e valores patrióticos, história do sionismo e literatura hebraica, não tiveram lugar no CSA que tinha por ideal “formar judeus universalistas” (Hamadani et al., 2006). Isso refletiu as oscilações da ASA e do ICIB em relação a Israel, ao sabor do contexto político internacional, mas que em nenhum momento se aproximou de aprovar a alternativa de um “Lar Nacional Judaico” como único caminho para a vida judaica.

O colégio era judaico. Entretanto, por ter um alto nível educacional, era composto também por alunos de diferentes origens, muitos não apenas moradores da região, mas de diferentes áreas da cidade. No caso de São Paulo possuía também judeus alemães, descendentes de italianos moradores do bairro de Bom Retiro e brasileiros. Muitos procuraram o colégio por estar situado entre os melhores da época que concorria com as escolas consideradas de vanguarda e também pelas afinidades com o ideário do partido comunista. Muitos filhos de ativistas do partido foram acolhidos no colégio por questões de segurança. Segundo Altman,

muitos pais e membros da mantenedora da escola eram militantes dos movimentos de esquerda e foram perseguidos pela ditadura. [...] Muitos filhos de militantes, não judeus, tiveram acolhida no Scholem, permitindo que recebessem uma educação de alta qualidade e condizente com os valores políticos de suas famílias.

Mesmo sendo conhecido na comunidade como o “Colégio de esquerda”, muitas crianças eram matriculadas no CSA por ele ser considerado na época um colégio de vanguarda. A exemplo, temos o depoimento de Tânia Furman, citado por Hamadani (2006) e colaboradores: “Tinha meus quatro filhos aqui e não era comunista”. “Escolhi uma excelente escola.”

Em sua grade curricular, o ídish era mais importante do que o hebraico e mesmo as aulas de história judaica eram chamadas de *Ídishe Gueshichte*. Era uma das disciplinas mais importantes do currículo e a que melhor se relacionava às demais. Muitos exemplos e histórias eram comparadas à realidade brasileira. O depoimento de Fanny Abramovic, ex-diretora do colégio Scholem

O “espírito do comentário” – a idéia de educação e de cultura como demarcadores étnicos

de São Paulo, mostrava que a idéia de libertação presente na história do Pessach era associada ao papel libertador de Tiradentes no Brasil. Em ambas se associava a concepção de liberdade como parte de um processo de justiça social.

No currículo escolar, a ênfase era dada à história do povo judeu, à literatura ídich e ao domínio do idioma. A celebração das festas judaicas ressaltava o caráter combativo e os valores de liberdade associados a uma leitura histórica da tradição que em nenhum momento se “descolava da realidade brasileira”. Hamadani (2006) mostra a importância da realidade social para a fundadora da escola:

A experiência na militância comunista incitou em Eliza a necessidade de unir teoria e prática, e a direção de uma escola como o Scholem apresentou-se como um terreno fértil para materializar ideais que rompiam com a camisa-de-força do sistema de educação formal. “O que me parece importante no Scholem é essa não rigidez em relação à burocracia e titulações”, afirma a escritora Fanny Abramovich, que coordenou a pré-escola e mais tarde foi professora de artes e teatro. “A gente se formou aqui, não veio formada de outro lugar. A gente se fez fazendo.

Segundo Jacob Frydman, em *Nossa Voz* (1954):

Precisamos educar as novas gerações judias no Brasil como verdadeiros judeus – que tenham compreensão e conhecimento da nossa história e tradição, que se estendem como longa corrente das lutas de liberdade, desde os tempos de Judá Macabeu até os heróis do gueto [...]. E, ao mesmo tempo, educá-los como verdadeiros cidadãos brasileiros, que tenham alto as aspirações humanitárias do povo brasileiro.

Segundo depoimento de Antonio Dimas (apud Hamadani, 2006):

A interdisciplinaridade era um princípio já naquela época. O currículo de história era o pilar a partir do qual decidíamos as atividades das demais matérias. Se o tema era Civilização do Açúcar, a literatura, a geografia, as artes associavam seus conteúdos à proposta.

Conforme Dimas (apud Hadamani, 2006), um estudo do meio na Bahia – de ônibus, na década de 1960 – foi parte da experiência de uma das turmas. “A gente começava a estudar antes mesmo de chegar à estrada. O estudo do meio era um momento de trabalho”.

Joana Bahia

Outro elemento importante era a valorização da criatividade. Nas paredes da pré-escola, fotos mostram a produção das crianças, numa orientação pedagógica menos preocupada com a estética do resultado do que com a liberdade de criação e a experimentação de técnicas variadas. A ideia de projetos temáticos constituiu parte da rotina das crianças: se o tema era “animais”, traziam-se fotos, traziam-se bichos, verificavam-se hábitos e características das diferentes espécies, visitava-se o zoológico.

Nas apostilas de formação de professores do CSA de São Paulo, preservadas por Marina Sendacz, ativista do ICIB, há vários textos sobre a relação entre escola e comunidade, psicologia do desenvolvimento e sexualidade – temas avançados para a educação da época. Também é visível o intercâmbio com outras iniciativas educacionais importantes naquele momento, como o Colégio de Aplicação e a Escola Experimental da Lapa.

A agitação cultural e política da ASA e do ICIB chegaram até o CSA pelas intensas atividades de ambas as instituições. A exemplo do CSA de São Paulo, Novos Baianos Belchior e Renato Teixeira foram alguns dos que se apresentaram na escola (nos anos 1960). “O Caetano Veloso também veio conversar com os alunos do pré e foi lá em cima no 3º andar cantar com as crianças”, conta dona Ilina Ortega, professora de música.

O teatro era outro dos grandes trunfos, na esteira da tradição dos grupos profissionais e amadores em língua ídich. A encenação dos contos de Scholem Aleichem e outros autores era uma estratégia eficaz para popularizar esses textos entre os alunos. “Ética, cultura e humor são os principais legados da escola”, opina Tatiana Belinky, escritora de literatura infanto – juvenil, que colaborou nas apresentações dos primeiros tempos como autora ou diretora do CSA de São Paulo. Obras de autores como Brecht, Shakespeare, João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna foram montadas pelas turmas, além de composições literárias das próprias crianças.

São muitas as conjecturas sobre os motivos que levaram ao fechamento do CSA em 1981 em São Paulo, e em 1995 no Rio de Janeiro. Muitos fatores corroboraram para a inviabilidade da manutenção dos CSA. O alto custo do projeto demandava um aporte financeiro que o CSA nunca teve, pois nunca recebeu suporte das respectivas federações israelitas. Muitos entrevistados afirmam que a ascensão social da comunidade judaica conduziu a transferência de crianças para escolas em suas novas vizinhanças (Higienópolis, Jardins e Itaim Bibi, bairros da cidade de São Paulo e Leblon, São Conrado, Barra e Recreio na cidade do Rio de Janeiro) e também a “um certo esvaziamento ideológico” das gerações de filhos de imigrantes.

Com a saída do diretor Moises Genes (do CSA do Rio de Janeiro), em julho de 1973, este entrou em franca decadência, encerrando suas atividades em 1995. A sua saída foi motivada por desentendimentos com as interferências

partidárias ocorridas no interior da instituição, conforme depoimento de Genes: “[...] Os dois membros da intervenção branca tiveram a ousadia, a petulância de afirmar, com o maior cinismo, numa reunião, de que ‘o nível do Colégio estava caindo’. Cumpriam as ordens partidárias de encontrar algum pretexto negativo.”

Em 1995, com o encerramento das atividades do Scholem (da cidade do Rio de Janeiro), a responsabilidade sobre seu patrimônio foi entregue ao Colégio A. Liessin cujo conselho tratou de promover imediatamente a venda da sede. Tanto a saída de Genes quanto a do próprio Tabak foi devido às divergências internas da comunidade progressista. No caso de Tabak (Boletim da ASA, ano IV, número 23, 1993), este fato fica evidente ao associar sua saída ao contexto dos anos 1950 e ao impacto do relatório Kruschew:

Ao final de 1951, o CSA passa por uma crise ideológica. Eu e Sara não podíamos concordar com as novas tendências radicais de uma parte da diretoria. O trágico doze de agosto de 1952, quando na União Soviética foram assassinados os mais importantes escritores judeus, demonstrou o quanto estávamos certos, nós e muitos de nossos amigos da escola e do Instituto que desistiram e não aceitaram aquelas tendências radicais na escola. O colégio, que pelo estatuto pertencia ao Instituto, desligou-se e passou para outro grupo de dirigentes.

A Colônia de Férias Kinderland foi proposta pelas senhoras da AFIB, antiga *Vita Kempner* (luta da vida) – um grupo de mulheres geralmente imigrantes, com uma forte consciência política formada, atingidas pelo fascismo europeu depois da Primeira Guerra Mundial.

Este grupo se reunia com o objetivo de colaborar com o empreendimento da Cruz Vermelha de socorrer as vítimas da Guerra. Buscando dar continuidade ao trabalho de solidariedade aos órfãos e mutilados do pós-guerra, se organizaram em comissões por alguns bairros no Rio, regiões e Estados do Brasil mantendo também contato com outros países.

Neste grupo desenvolviam várias atividades culturais como Círculo de Leitura (o Lein Kraizn) encontros nacionais, debates sobre a ordem social vigente e a cultura. Era este grupo de mulheres que participavam das atividades da BIBSA e angariavam contribuições financeiras para o jornal *Unzer Stime* (Nossa Voz).

Os círculos era organizados por temas políticos e havia um debate ávido sobre o mundo pós-guerra inspirado em artigos da imprensa nacional e internacional e da literatura ídich. Entretanto, nas épocas de maior perseguição política as leituras passaram para temas “mais literários”. Paralelamente as atividades da AFIB existia também o “clubinho I Peretz”. Neste, os adolescen-

Joana Bahia

tes a partir de 13 anos participavam de atividades culturais (teatros, cinemas, palestras) seguidas de amplo debate.

Em 1950, a primeira colônia de férias foi num hotel em Lindóia, Minas Gerais (MG) da qual participaram 65 crianças. Esta inicialmente visava ser assistencialista com crianças vítimas da guerra, ideal este trazido por Lea Goldenstein quando esteve em Paris. Em 1952, num Congresso Nacional, resolveu-se fundar uma Colônia de Férias com o nome de Kinderland. Na segunda colônia, com a compra da própria sede em Sacra Família do Tinguá, Rio de Janeiro (RJ) o objetivo desta era orientar educacional e socialmente para uma “coletividade judaica brasileira”, tendo como principais ativistas: Berta Ferferman, Mania e Ita Akcelrad, Doba Zonneschain, Chaika Lusting, Zilda Zilberstain, Ienta e Lea Lerner e Léa Scheinvar.

A Colônia sempre foi composta de coordenadores, monitores e colonistas que, na tentativa de preparar melhor a equipe de monitores, organizaram um curso de formação, procurando transmitir conhecimentos sobre a criança, as atividades que seriam desenvolvidas e o espírito de coletividade, isto é, formar uma idéia de grupo, de convivência grupal como um shtetl (*aldeia*).

As apostilas distribuídas durante o curso dividiam os assuntos em alguns tópicos: atividades culturais, esporte, atividades manuais e natureza, sugestões dos concursos a serem realizados e os questionários, relatórios diários sobre as atividades do grupo que iriam monitorar.

Na década de 1970, a Kinderland sofre uma renovação geracional, em seu quadro dirigente, devido ao envelhecimento e ao falecimento das fundadoras e de suas ativistas mais antigas. Conforme Mannheim (1982), os processos de renovação geracional indicam processos de mudanças sociais. Lembramos que, para o autor, geração é definida pelo conjunto de experiências sociais compartilhadas.

Em 1988, com a Reforma Estatutária, a colônia ganhou novo nome de Associação Kinderland. Em 2002, esta se-localiza em Paulo de Frontin, a 110 quilômetros do Rio de Janeiro, com a capacidade de receber cerca de 150 pessoas de cada vez.

“O espírito do comentário”

A via autêntica segundo a qual é possível reconhecer a verdade não é o pensamento sistemático, mas o comentário. (SCHOLEM, 1974)

Vários depoimentos mostram como ex - colonistas da Kinderland vêem o papel da colônia de férias em sua formação identitária que não dissocia a dimensão histórica e política na demarcação de sua identidade judaica. Valores

O “espírito do comentário” – a idéia de educação e de cultura como demarcadores étnicos

como democracia, disciplina, espírito de comunidade e um espírito de comentário são partes do *ethos* do grupo (Boletim da ASA, ano I e IV, números 4 e 19, 20 e 21, 1990 e 1992):

Ao mesmo tempo entre jogos e brincadeiras, os colonistas tomavam conhecimento dos fatos históricos do passado recente, com suas trágicas conseqüências pra o povo judeu .

Kinderland oferece um espaço alternativo de discussão de assuntos que fogem da rotina das crianças. Quando fui colonista, presenciei as primeiras discussões políticas de minha vida. Hoje em dia, o grande assunto são as turbulências da vida moderna, com os problemas de drogas, violência, sexo.

Kinderland ajuda a inserir a democracia nas relações dos colonistas. Todos os dias, por exemplo, há uma atividade que é programada pelos quartos, que são a célula básica da colônia. Ela é discutida e decidida pelo grupo de colonistas.

Lembrava-me dos jornais murais, dos júris simulados, dos teatros, concursos de oratória e, também, dos animados bailes, gincanas e passeios. [...] Além disso, havia um forte desejo de se concretizarem atividades mais criativas e que, ao mesmo tempo, possibilitassem às crianças e jovens uma compreensão atualizada da situação política e social do país, sem esquecer a questão judaico-progressista em nossa sociedade. Para isso, achávamos muito importante apresentar a história da colônia, suas origens e seus objetivos fundamentais.

A comparação de suas escolas e clubes aos *shtetls* (aldeias) forma de vida comunitária na Europa Oriental mostra um modo de ser e agir judaico. Isso evidencia que, mesmo sendo personagens de centros urbanos, tanto na Europa quanto no Brasil, o judaísmo que “carregam” tem como base valores campestres. Muitas vezes viver estas atividades nestas instituições não está dissociado da própria vivência dos fatos históricos e muitos relatos memorialistas acentuam esta dimensão de partícipes de uma história simultaneamente nacional e internacional.

O educar praticando internamente a liberdade de expressão faz pensar o ser judeu como um corpo vivo, parte de um conjunto de experiências históricas. Nesse sentido, o único crime que se pode cometer é cortar o laço vivo do patrimônio, pois educar é lembrar. É preciso unir as gerações através de laços vivos da herança, porém reinterpretados e universalizados, pois a diáspora é o *leitmotiv* de sua autodefinição identitária.

O estímulo à idéia de crítica e de argumentação presente no desenvolvimento da criatividade e do jogo, dos conceitos de liberdade e democracia são

Joana Bahia

remetidos ao espírito do comentário. A importância do saber está na idéia de que o sábio na tradição rabínica é aquele que versa sobre as escrituras, porém é também um intérprete e reúne em si mesmo ambas as atitudes (SCHOLEM, 1974; 1980. 1994).

A crítica não se vale numa atitude arbitrariamente interpretada. Mesmo o conceito de liberdade não pode ser modificado, mas pode-se admitir uma dialética no seu interior. A idéia de verdade deve ser libertada do próprio texto, o qual estava anteriormente inserido. Esta deve jorrar do texto, da cultura do livro. Nesse caso, o comentário é a forma característica de busca judaica da verdade e também o modo de expressão da genialidade rabínica. Segundo Scholem (1980), para a tradição rabínica existe uma diferença de atitude entre o respeito absoluto ao texto que considera que tudo é dado por ele mesmo e a atitude de presunção que tende a impor a verdade aos textos antigos.

Podemos afirmar que mesmo um conhecimento como a *kaballah* não se trata uma tradição mística no sentido de um dogmatismo rabínico, mas a recepção de uma tradição. Isto é, possui o sentido de uma tomada de posição de característica mística sobre a natureza da revelação, sobre a possibilidade de formular o conteúdo e as conseqüências sobre a natureza particular de tal ciência ou de tal conhecimento, sobre sua extensão total do domínio do dizível ou do indizível (SCHOLEM, 1974; 1980).

A idéia de uma educação do ser judeu está bem presente na história do viver judaico e na maneira de fazer a história do judaísmo, que são praticamente indissociáveis. Um modo de ser e de educar são paradoxalmente vividos de uma só vez pela assimilação no externo, mas não ao externo.

A idéia de uma “cultura libertária” é fundamental na construção de uma identidade reflexiva (LÖWY, 1989), que é construída num jogo de lutas entre judeus e não judeus e entre judeus (seus diferentes segmentos internos) feita na presença de não judeus, diante ainda de uma possibilidade de racismo (LÖWY, 1974, 1989, 1994; SCHOLEM, 1980).

Diante do jogo de lutas e dos reveses históricos, o peso que ganha a cultura e a educação são o de conservação de um capital cultural acumulado e renovado. O dinheiro e o capital monetário possuem menos o peso de acúmulo de sua história e sim reafirmam a força dos estereótipos sobre o grupo.

A cultura e a educação são de fato os alicerces de sua sobrevivência e são constantemente usadas como marcos estratégicos de manutenção e reinvenção de sua identidade marcada pela diáspora. Ressaltamos que educar é de fato lembrar algo, de modo reinterpretado, de devolver uma identidade defensiva. A crença na transcendência do livro, do conhecimento e do sábio são modos de não se condenarem a uma identidade alienígena, definida por e pelos outros povos, constituída por um olhar exterior e sim por um reflexo devolvido

O “espírito do comentário” – a idéia de educação e de cultura
como demarcadores étnicos

aos não judeus como um desafio, uma imagem de que eles mesmos são produtos (LÖWY,1989).

Nesse sentido, para o grupo estudado, o caráter da diáspora permite mais do que a aliá viver a cultura de modo libertário, ou seja, em qualquer parte do mundo. Por ser atemporal, “*diaspórica*” esta cultura consegue ser também temporal e local. Então, recriar o judaísmo na diáspora é construir um *shtetl* local, ou seja, reinventar uma idéia de coletividade judaica brasileira.

Fontes

Entrevistas concedidas pelos ativistas da ASA e do ICIB nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

Boletim da ASA ano 1990/2006

Referências

AQUINO, R. S. L et al. **PCB 80 anos de luta**. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2002.

ALMEIDA, F. I. de (Org.). **O último secretário – a luta de Salomão Malina**. Fundação Astrojildo Pereira, FAP, 2002.

BARTH, F. Os grupos étnicos e suas fronteiras. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa editora, 2000.

BOLETIM DAASA. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Associação Scholem Aleichem, ano I, número 4, fevereiro de 1990.

_____. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Associação Scholem Aleichem, ano III, número 18, maio e junho de 1992.

_____. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Associação Scholem Aleichem, ano I, número 5, abril de 1990. ano IV, número 20, setembro e outubro de 1992.

_____. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Associação Scholem Aleichem, ano VIII, número 48, setembro/outubro de 1997.

_____. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Associação Scholem Aleichem, ano VIII, número 75, 2002.

_____. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Associação Scholem Aleichem, ano, XV número 95, julho/agosto de 2005.

_____. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Associação Scholem Aleichem, ano XVI, número 96, setembro/outubro de 2005.

_____. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Associação Scholem Aleichem, número 102, setembro/outubro de 2006.

Joana Bahia

BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Éditions de Minuit, 1980.

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: **Pierre Bourdieu**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

CARONE, E. **O PCB**. (Vol 1: 1922- 1943; vol 2 : 1943-1964). São Paulo: Difel, 1982. 3 vol.

CHILCOTE, R. **O partido comunista brasileiro**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

CLEMESHA, A. **Marxismo e judaísmo. História de uma relação difícil**. São Paulo: Boitempo editorial, 1998.

FEBROT, L. I. Elegia Saudosa para Unser Shtime- Nossa Voz. In: **Asa – Judaísmo e Progressismo**, Ano VI; n. 35 maio/junho 1995.

FINZI, R. Uma anomalia nacional: a questão judaica. In: HOBBSAWM, E. (Org.). **História do Marxismo**. Trad. Carlos Nelson Coutinho et al. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.

HAMADANI, K. KOLBER, G.; PERELMUTTER, D.; SCHUBSKY, C.; STAROBINAS, L. Scholem Aleichem: uma vanguarda pedagógica. **Revista 18**, São Paulo, 2006.

GLAZER, N.; MOYNIHAN, D. P. **Ethnicity Theory and Experience**. Harvard University Press, Cambridge Massachusetts, and London England, 1975.

GENES, M. **O 11º Mandamento – reencontros**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

GOLDBERG, L. M. Nossa Voz - Unser Shtime (1947-1964). **Asa – Judaísmo e Progressismo**, Ano VI; n. 35 maio/junho 1995.

GUINSBURG, J. **Aventuras de uma língua errante**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.

JENKINS, R. **Rethinking Ethnicity. Arguments and explorations**. Londres: Sage Publications, 1997.

OKAMURA, J. Situational ethnicity. **Ethnic and Racial Studies**, Londres, v. 4, n. 4, out. 1981.

KINOSHITA, D. L. O ICUF como uma rede de intelectuais. **Revista Universum**, Universidade de Talca, 2000, n. 15.

KUPERMANN, E. ASA - Gênese e trajetória da esquerda judaica não sionista carioca. **Revista Espaço Acadêmico**, número 28, setembro de 2003.

LÖWY, M. **Redenção e Utopia**: o judaísmo libertário na Europa Central. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.

MALINA, S. **Entrevista concedida a Juca Kfour**i na Rede TV no dia 31 de maio de 2002.

MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. (Org.). **Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982.

PANDOLFI, D. C. **Camaradas e companheiros**: memória e história do PCB. Rio de Janeiro, Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.

PERREIRA, A. **Construindo o PCB (1922 / 1924)**. (Org.) e introd. Michel Zaidan. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

POLLACK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-215.

_____. Memória, silêncio e esquecimento. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SCHOLEM, G. L'identité juive. Entretien avec Jean Bollack et Pierre Bourdieu In **Actes de la recherche em sciences sociales**. Paris, número 35, 1980.

_____. **Le messianisme juif**. Paris: Calmann-Lévy, 1974.

_____. **O golem, Benjamin, Buber e outros justos I**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

_____. **O nome de deus, a teoria da linguagem e outros estudos de cabala mística judaica II**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

SCHORSKE, C. E. **Viena fin de siècle. Política e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SENDACZ, J. **Um homem do mundo**. São Paulo: Ed do Autor, 2005.

Notas

¹ Este artigo constitui parte da pesquisa de pós-doutorado “*Um certo idishkeit*”. *Identidade, política e memória* entre ativistas da Casa do Povo e Associação Scholem Aleichem (1940/1960) que desenvolvo atualmente no Centro de Estudos de Migrações Internacionais (CEMI) da pós-graduação em Antropologia da Universidade de Campinas (Unicamp). Venho agradecer o apoio oferecido pelos ativistas do Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB) e da Associação Scholem Aleichem (ASA), respectivamente localizados nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, para a melhor realização deste projeto.

² Para Guinsburg (1996), além do hebraico, o ídish, também chamado de Taytsh, é a língua primordial que define a identidade dos judeus. Muito apropriadamente, ele a define como “uma língua errante” ou uma “língua passaporte”. O ídish, “dialeto judeu-alemão”, predomina entre os aschkenazi da região européia-ocidental e européia-oriental, incluindo o “pale” (zona de residência obrigatória para os judeus russos). Os homens eram educados no hebraico – a língua dos livros sagrados – aos quais as mulheres, assim como os menos letrados, não tinham acesso. O ídish era falado pelas mulheres e se tornou a língua popular, usada em família, a forma de comunicação com os filhos, a língua do cotidiano. A escrita do ídish se fez com caracteres hebraicos. O autor afirma que o ídish, mais o hebraico e o aramaico, são a base do “universo cultural construído na esfera de Aschkenaz”. Ele (o ídish) “se torna componente estrutural desta sociedade” (Guinsburg, 1996: p. 32-33). Assim como ao lado do hebraico usou-se o aramaico e o ídiche, outras línguas foram sendo incorporadas. No ramo sefardita, o ladino teve o mesmo papel de expressão cultural escrita e oral.

Joana Bahia

³ Palavras presentes nos boletins e entrevistas analisadas que descrevem para os partícipes o papel dos colégios tanto no interior da comunidade judaica quanto na sociedade nacional.

⁴ A primeira instalação do CSA foi na rua General Roca (Tijuca), sendo transferido dez anos depois para a rua Ribeiro Guimarães. Em 1958, transferiu-se para a rua Professor Gabizo 211, devido à expansão do Colégio e a necessidade de uma melhor acomodação.

Correspondência

Joana Bahia - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rua Francisco Portela, 794 -
Paraisópolis - CEP 24435-000 - São Gonçalo, RJ - Brasil.
E-mail: joanabahia@hotmail.com

Recebido em 8 de outubro de 2008

Aprovado em 13 de fevereiro de 2009